

Aliança com PL enfrenta resistência no PT

Referência ao partido de José Alencar é retirada de texto aprovado por petistas

VERA ROSA
e ANGELA LACERDA

RECIFE – O PT aprovou ontem uma política de alianças para a eleição de 2002 “com forças políticas da esquerda e do centro” que façam oposição ao presidente Fernando Henrique Cardoso e ao neoliberalismo. O acordo foi fechado depois que o grupo do presidente do PT, deputado José Dirceu (SP), recuou e decidiu retirar do texto a menção ao PL do senador José Alencar (MG), cotado para vice na chapa liderada pelo provável candidato petista à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva. Embora a cúpula deseje o casamento com o PL, o texto que passou pelo crivo do 12.º Encontro Nacional do partido, em Olinda (PE), sustenta que a definição das alianças ainda deve ser submetida ao diretório nacional.

Esta foi a forma encontrada pelos moderados para contornar as resistências à citação explícita ao PL não só por parte dos radicais como dentro do próprio grupo light. Ainda ontem, na abertura do encontro de Olinda – marcada por gritos de “Lula presidente” – um representante do PL de Pernambuco foi vaiado, enquanto um integrante do Partido Comunista Cubano era aplaudido de pé. No telão, um vídeo sobre a trajetória do PT mostrou o “desmembramento” de partidos que vieram da Arena e do MDB. Por ironia, acabou citando o PL no rol dos que passaram pela metamorfose. “Só o PT não muda”, dizia o ator Norton Nascimento.

Na prática, porém, o que foi aprovado significa a abertura do leque de alianças para além das fronteiras da esquerda, como Lula defende. “Se quiser-



Lula com Arraes: virtual candidato petista busca coligação para além da fronteira da esquerda

mos ganhar as eleições, tem de ser assim”, disse Dirceu. Ele também quer abrir a discussão com “setores” do PTB, do PMDB e do PPS, sem contar a tentativa de aproximação com antigos aliados que hoje vivem às turras, como o PDT e o PSB. Os radicais discordam. “O PL e o PTB não têm nenhuma ligação com nosso programa”, afirmou o ex-prefeito Raul Pont.

A montagem dos palanques tornou-se um jogo de xadrez para os petistas, que admitem até abrir mão de candidatos próprios em alguns Estados, como Goiás, Espírito Santo e Minas, para atrair aliados. “A disputa de 2002 já começou. Nosso maior desafio é construir uma candidatura e um programa de

governo que possam viabilizar um novo governo, com nova maioria parlamentar, que sustente as grandes mudanças históricas”, destaca o texto do PT.

No capítulo sobre o atual momento político está escrito que, “com o PMDB apoiando o candidato governista, abre-se uma disputa pela base oposicionista deste partido e pelo apoio de Itamar Franco (governador de Minas), que pode influir decisivamente no

resultado das eleições”. O presidente do PSB, Miguel Arraes, não descartou a possibilidade de acordo com o PT. “Temos de acertar o alvo para tomar a Presidência e as rédeas do País.”

Prévias – O prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues, admitiu

ontem que pode desistir da disputa da prévia para a escolha do candidato petista à Presidência. “A tendência é de que essa prévia seja esvaziada, pró-forma, e não gostaria de estar legitimando este processo”, provocou. Até agora, o único inscrito é o senador Eduardo Suplicy (SP). Os moderados vão registrar amanhã Lula à revelia dele. “Isso não é problema meu ainda”, disse Lula.

“Com a exposição das minhas idéias, eu me tornarei uma um páreo difícil e posso vencer”, afirmou Suplicy. “Na verdade, os dirigentes sabem que isso pode acontecer e por isso têm preocupação.” Sentado na oitava fileira da platéia, ele ficou isolado na abertura do encontro. Não foi nem mesmo anunciado ao microfone.

Também no encontro, os petistas aprovaram uma moção de repúdio à criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

EDMILSON
JÁ ADMITE
NÃO DISPUTAR
PRÉVIA

Glauco Spindola/Diário de Pernambuco